

Ludwig Feuerbach e o jovem Marx: a religião e o materialismo antropológico dialético

RESUMO

Este trabalho tem como principal intenção demonstrar o pensamento de Ludwig Feuerbach como o criador do materialismo antropológico que leva as noções de cristianismo e de fé às últimas conseqüências. Somado a este materialismo antropológico Feuerbach ainda traz outro elemento, a formulação de um meio antropológico que seja dialético. Percebe-se que o jovem Marx é profundamente influenciado por este materialismo de Feuerbach, principalmente na "Ideologia Alemã".

Palavras-chaves: Materialismo; Antropologia; Marx; Feuerbach; Dialética.

ABSTRACT

This work has as main intention demonstrate the thought of Ludwig Feuerbach as the creator of the anthropological materialism that carries the christianity and faith notions to the last consequences. Summed to this anthropological materialism, Feuerbach still brings other element, the formulation of an anthropological way that is dialectic. It realizes that the youth Marx is profoundly influenced by this Feuerbach's Materialism, mostly in the "German Ideology".

Key words: Materialism; Anthropology; Marx; Feuerbach; Dialectic.

* Doutor em Filosofia, Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPB..

É inevitável perceber a influência que o filósofo alemão Ludwig Feuerbach exerceu sobre o pensar de Karl Marx. Acredita-se que este herdou daquele outro o sentido do materialismo. Feuerbach foi um contestador do cristianismo e o fundamentador do materialismo filosófico, sofreu uma influência casual de Hegel, em sua juventude e, em seguida foi um dos mais críticos pensadores do sistema hegeliano, sofreu também influência, no final de sua obra, pelo também filósofo alemão Arthur Schopenhauer e finalmente exercendo uma influência no pensador cristão dinamarquês Søren Kierkegaard (Cf. REDYSON, 2007, p. 17-18), que deseja fazer uma reintronização do cristianismo na cristandade.

Marx é o único dos jovens hegelianos¹ que faz referência a Feuerbach quando se trata do materialismo para manter uma relação crítica e estruturada do pensamento hegeliano. A extrema simpatia com que Feuerbach é tratado nos "Manuscritos econômicos-filosóficos" e em seguida na "A Sagrada Família" expressa o reconhecimento que Marx tinha de Feuerbach, que pela primeira vez, insistiu na necessidade de se fazer uma inversão materialista da filosofia de Hegel. Marx se apropria dos aforismos de Feuerbach com uma certa liberdade, atribuindo-lhe outras conotações que não eram as expressas por Feuerbach conferindo-lhe uma entoação fora do ideário de Feuerbach.

Marx foi influenciado por Hegel e em seguida pelas críticas de Feuerbach, isso é claramente visível desde os "Manuscritos econômicos-filosóficos" de 1844 onde revela:

Feuerbach é o único a ter tido uma atitude séria, crítica, com a dialética hegeliana, tendo feito verdadeiras descobertas nesse domínio; ele, em suma, é o verdadeiro vencedor da antiga filosofia. A grandeza com que a executou e a simplicidade discreta com que Feuerbach a entregou ao mundo criam um contraste surpreendente com a atitude inversa dos outros. (MARX, 2003, p. 173).

Engels só faz confirma isso em sua clássica obra "Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã" afirmando:

Foi então que apareceu A Essência do Cristianismo, de Feuerbach. De repente, essa obra pulverizou a contradição criada ao restaurar o materialismo em seu trono. A natureza existe independentemente de toda filosofia, ela constitui a base sobre a qual os homens cresceram e se desenvolveram, como produtos da natureza que são; nada existe fora da natureza e dos homens; e os entes superiores, criados por nossa imaginação religiosa, nada mais são que outros tantos reflexos fantásticos de nossa própria essência [...] O entusiasmo foi geral e momentaneamente todos nós nos transformamos em feuerbachianos. (MARX; ENGELS, 1977, p. 177).

Por isso Marx afirma:

A grande façanha de Feuerbach é: 1. ter demonstrado que a filosofia nada é senão a religião em forma de idéias e desenvolvida pela pensamento; que nada é senão uma outra forma e um outro modo de existência da alienação do homem; ou seja, que é tão condenável quanto; 2. ter fundado o verdadeiro materialismo e a ciência real, fazendo igualmente da relação social 'do homem ao homem' o princípio básico da teoria; haver oposto à negação da negação, que se pretendia o absolutamente positivo, outro positivo baseado em si mesmo e fundamentado positivamente por si mesmo. (MARX, 2003, p. 173).

Ao equiparar a religião com a filosofia especulativa de Hegel, interpretando ambas como formas de alienação, Marx está se referindo às diversas passagens em que Feuerbach faz essa aproximação como nos "Princípios da filosofia do futuro": "A essência da filosofia especulativa não é senão a essência de Deus racionalizada, realizada, presentificada. A filosofia especulativa é a

¹ Hegel morreu em 1831 e após sua morte uma grande massa de discípulos dividiu-se em dois troncos: os de direita e os de esquerda. De direita poderíamos citar: Karl Göschel, Kasimir Conradi, Johann Erdmann e Karl Rosenkranz que enfocavam com relevância a religião. Os de esquerda citaríamos: David Freidrich Strauss, Bruno Bauer, Max Stirner, Arnold Ruge e posteriormente Feuerbach e Marx que tinham como ponto de discursividade a dialética.

teologia verdadeira, conseqüente, racional.” (FEUERBACH, 1990, p. 266). A inversão materialista de Feuerbach propõe, no lugar da teologia racionalizada, um pensamento que seja do homem mesmo, isto é uma filosofia de verdade, assim um projeto de uma nova filosofia feita em nome da emancipação dos sentidos e do homem. Marx afirma que Feuerbach é o criador do verdadeiro materialismo nos fazendo pensar que a uma diferença substancial entre a dialética hegeliana e o antigo materialismo o qual Marx se dedica em “A Sagrada Família” de que o materialismo humanista de Feuerbach distancia-se do antigo materialismo por ver a religião não como um erro, um desvio de intelecto em relação com a verdade, e sim, como uma produção da consciência humana, sendo assim um fenômeno ideológico.

Segundo Feuerbach, o movimento da dialética hegeliana inicia-se com o infinito, idéia abstrata (a religião, a teologia), para ser negada em um segundo momento (aquele infinito ao sensível, do real ao particular) e finalmente em um terceiro movimento a filosofia é quem deve reafirma a teologia enquanto pensamento racional. Feuerbach, por sua vez, diz Marx, interpreta a negação da negação como um movimento do pensamento que quer superar-se com seus próprios meios e, contra este, propõe como ponto de partida o verdadeiro positivo anunciando o projeto da história real do homem, dessa forma Feuerbach é deixado para trás, já que sua filosofia contemplativa em nada pode colaborar para o estudo da autoformação do homem pelo trabalho.

É nessa direção que indica a idéia de Alfred Schmidt; no final de seu trabalho, ele conclama para uma nova leitura de Feuerbach, que significa redescobrir uma abertura para se compreender Marx. Não é um empreendimento descabido. Feuerbach é

um pensador importante para a formação de Marx e Engels.² Naquela fase precedente à *Ideologia Alemã* e d’*As teses sobre Feuerbach*, o próprio Engels confia:

Quem tem descoberto o segredo do sistema? Feuerbach. Quem tem aniquilado a dialética dos conceitos, a guerra de deuses que só os filósofos conheciam? Feuerbach. Quem tem posto o homem no lugar da velha especulação, e também da autoconsciência infinita? Feuerbach e só Feuerbach. (MARX; ENGELS, 2003, p. 111).

Portanto, eis o valor de Feuerbach: como transição de um materialismo mecânico para um materialismo prático. Compreender Feuerbach é compreender o materialismo numa fase onde se combatia tanto a especulação filosófica, quanto o materialismo proveniente da tradição do Iluminismo. Em Feuerbach o materialismo tem seu fundamento no homem, é um materialismo que gira em torno do humanismo.

O erro do antigo materialismo foi conceber o homem como indivíduo passivo, modelado unicamente do exterior. Era, assim, um materialismo mecanicista que reduzia o homem às circunstâncias; neste materialismo, a presença do mundo esmagava o homem nas suas determinações; tínhamos o imperativo das circunstâncias. É contra esse modelo (de materialismo) que Feuerbach se posiciona, ou como o próprio Marx declara: diante dos materialistas “puros”, Feuerbach tem a grande vantagem de se dar conta que o homem também é um “objeto sensível”.

Outro ponto a ser destacado em Feuerbach é sua crítica à filosofia especulativa. A negação da filosofia empreendida por Marx já se encontra em Feuerbach: a filosofia, para este último, converte-se num jogo escolástico. O espiritual (tão comum no idealismo alemão) é substituído pelo sensível; a es-

² Consultar textos como: Arndt, Andréas. “Unmittelbarkeit”. Zur Karrier eines Begriffs in Feuerbach und Marx Bruch mit der Spekulation; Thom, Martina. Die produktiv-kritische Verarbeitung von Feurbach “Grundsätzen der Philosophie der Zukunft” in den “Ökonomisch-philosophischen Manuskripten” von Karl Marx; Lefèvre, Wolfgang. Das Feuerbach-Bild von Friedrich Engels in Braun, Hans-Jürg; Sass, Hans-Martin; Schuffenhauer, Werner; Tomasoni, Francesco (Hrsg.) Ludwig Feuerbach und die Philosophie der Zukunft. Berlin. 1990. Além das seguintes obras: Sampaio, Benedicto A; Frederico, Celso. Dialética e Materialismo Marx entre Hegel e Feuerbach. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2006; Schuffenhauer, Werner. Feuerbach und der junge Marx. Zur Entstehungsgeschichte der marxistischen Weltanschauung. Berlin. Deutsche Verlag der Wissenschaften. 1972; Arvon, Henri. Engels’ Feuerbach kritisch beleuchtet. In Atheismus in der Diskussion. Kontroversen um Ludwig Feuerbach. München/Mainz. 1975.

peculação hegeliana é concebida como um movimento do “puro conceito”, como uma espécie de teologia racionalizada. A filosofia de Hegel é alheia ao ser empírico, sensível; para Hegel, a realidade não vai além do pensamento, sempre gira em torno do pensamento lógico. Hegel nega o ponto de vista imediato, natural. A imediaticidade do mundo significa, em Hegel, uma nova determinação de uma idéia que produz sempre. Feuerbach vê na lógica hegeliana que as determinações (simples) como “ser”, “nada”, “outro”, “finito e infinito”, dessa forma afirma Feuerbach: “Hegel parte do infinito; eu do finito; Hegel coloca o finito no infinito, [...] eu coloco o infinito no finito” (FEUERBACH, 1970, p. 231), para Feuerbach as determinações hegelianas se confundem mutuamente, pois são em si determinações abstratas, unilaterais, negativas. Feuerbach no seu texto “Para a Crítica da filosofia hegeliana” indaga:

Deve o princípio do filosofar, como Hegel o concebe, ser o conceito abstrato do ser? Por que eu não devo começar com o ser mesmo, isto é, com o ser real? Ou por que não com a razão, já que o ser, na medida em que ele foi pensado, tal como ele é objeto na Lógica [de Hegel], me remete imediatamente a razão? (FEUERBACH, 1970, p. 23-24).

Todo o problema, para Feuerbach, centraliza-se de que a própria crítica também precisa de um pressuposto. Se a categoria última da “Ciência da Lógica” de Hegel da idéia absoluta é a sustentação categorial, precisamos descobrir o elemento de exterioridade efetiva com relação ao pensamento puro, este elemento é, para Feuerbach, a realidade sensível, o mundo empírico (FEUERBACH, 1970, p. 38).

É por esse motivo que Feuerbach prioriza a crítica à teologia. Sua antropologia reconhece que na religião as determinações são extraídas da realidade humana, contra a lógica de Hegel onde o pensamento transcendente está fora do homem. Na especulação hegeliana não tocamos a realidade verdadeira, objetiva; trata-se de abstrações particulares, de determinações privadas de concreção. É uma arbitrariedade especulativa. Daí, Feuerbach propõe a superação da teologia, que

deixemos a filosofia hegeliana de lado, pois ela representa o último refúgio da teologia, “Quem não abandona a filosofia de Hegel não abandona a teologia [...] A filosofia de Hegel é o último refúgio, o último sustentáculo racional da teologia” (FEUERBACH, 1990, p.258). Neste ponto, Marx discorda de Feuerbach, pois não acha válido tomar Hegel com um “cachorro morto”. Numa segunda releitura do filósofo alemão, Marx revê alguns pontos do idealismo (hegeliano). Para Marx, Hegel captou a produção do homem por ele mesmo como um processo captando assim também a essência do trabalho e concebeu o homem objetivo, verdadeiro, visto que real, como o resultado de seu próprio trabalho. Marx realiza o confronto de Hegel com Feuerbach, ou seja, “quando Feuerbach sobe, Hegel desce, e vice-versa”.

Lênin compartilha desta idéia ao afirmar que Feuerbach é decididamente um materialista que teve o espírito luminoso de não admitir a saída imediata de um mundo dos fenômenos para um mundo em si, como pensara Hegel:

Feuerbach explica luminosamente, com muito espírito, como é absurdo admitir um <transcensus> do mundo dos fenômenos para o mundo em si, uma espécie de abismo intransponível imaginado pelos clericais e tomado de empréstimo a estes últimos pelos professores de filosofia. (LENIN, 1975, p. 103).

Há em Feuerbach uma dimensão que é valorizada por Marx, ou seja, para ele foi mostrada que a meta do homem é a de compreender sua humanidade, sua natureza humana; por essa afirmação, entende-se que seria preciso derrubar todas as construções que fazem do homem uma criatura rebaixada, escravizada e desprezível. Podemos enfatizar que esse pensamento de Marx sofreu uma forte influência de Feuerbach. Mas Marx vai além do próprio Feuerbach, pois este “aceita” a realidade, deseja apenas estabelecer uma consciência correta.

Já em 1843, Marx demonstra sua incompatibilidade com Feuerbach e a descreve em carta a Arnold Ruge: “Os aforismos de Feuerbach só deixam de agradar-me no ponto em que se referem de demasiada

forma a natureza e muito pouco a política. E sem dúvida alguma esta é a única aliança atualmente possível entre a filosofia para se chegar a verdade.”³

Para Marx não se deve contrapor natureza e política de forma abstrata, unilateral da concepção histórico-filosófico. Mais serão nas

Teses sobre Feuerbach” (redigidas em 1845) que Marx procura indicar as falhas de Feuerbach, propondo uma outra interpretação do materialismo. “Teses ... juntamente com A Ideologia Alemã, representam uma virada decisiva na trajetória de Marx; em outras palavras, trata-se de uma verdadeira ruptura. Nas palavras do próprio Marx, essa fase representou um ajuste de contas diante da “consciência filosófica anterior. (LABICA, 1990, p. 38).

E essa nova visão marxiana se dá no próprio movimento da crítica a Feuerbach. Se este prioriza o “mundo sensível”, este mundo não é algo dado, eternamente, mas um “produto da indústria e do estado da sociedade, e isto no sentido de que ele é um produto histórico, o resultado da atividade de toda uma série de gerações, em que cada uma ergue sobre as costas da precedente” (LABICA, 1990, p. 48). Desse modo, o culto a uma natureza purificada é, em Feuerbach, uma abstração do desenvolvimento social, pois mesmo a natureza já foi modificada pelo homem.

Para Marx erro que incidiu o pensamento de Feuerbach foi ter priorizado a dimensão teórica do homem. O caráter objetivo do homem se dissimula nessa ênfase ao teórico que, no fundo, ainda representa uma postura filosófica (entende-se, especulativa). Marx acentua que embora Feuerbach se proclame um crítico da filosofia especulativa, ele ainda permanece “idealista”: Feuerbach não conseguiu sair da filosofia. Na verdade, ele propõe uma nova filosofia, como “ciência da realidade” em sua verdade e totalidade, cuja essência é a natureza. Mas Marx insiste na

idéia que Feuerbach permanece na especulação, que empreende um materialismo teórico, contemplativo. E essa crítica de Marx a Feuerbach indica a seguinte postura: é preciso sair da filosofia. Outra falha de Feuerbach, segundo Marx, foi o restabelecimento do antigo dualismo sujeito/objeto. Ao se destruir a identidade entre pensamento e ser, introduziu-se este último no mundo (sensorial). Caiu-se, assim, tanto no campo do nominalismo (a ênfase no sujeito que percebe) quanto do sensualismo. Para Marx, Feuerbach permaneceu enclausurado no movimento especulativo, já que é uma solução que não cabe à filosofia. O homem de Feuerbach é um ser isolado, contemplativo; toma-se a “essência” do homem na solução dos problemas da religião, mas por outro lado o homem real não é tocado:

A essência humana permanece, entretanto, prisioneira de uma antropologia de fundamento naturalista. Ela é o resultado de um duplo processo de abstração que conduz, por um lado, a supor de antemão um indivíduo isolado e, por outro lado, a recusar levar a história em consideração. (LABICA, 1990, p. 115).

Daí porque Marx vê uma queda no idealismo, pois tanto o indivíduo humano isolado quanto a “comunidade” (em Feuerbach) são abstrações, pressuposições sem fundamento real. E desse ponto de vista, o humanismo de Feuerbach se converte em ideologia do humanismo. No homem de Feuerbach abstrai-se as relações sociais e a história, seu homem surge sem um “ser social concreto”, só apresenta uma consciência com uma base natural-sensitiva.

Marx retoma esse ponto onde Feuerbach havia estacionado, aplicando um hegelianismo sem sua forma mítica. A superação do materialismo contemplativo de Feuerbach é alcançado com a aplicação do “idealismo prático” de Hegel. Vemos, assim, que em Marx as dicotomias homem/mundo, sujeito/objeto, teoria/ação, etc. desaparecem com a descoberta de que o mundo (realidade

³ Este comentário de Marx é referente a publicação, por Ruge nos Anedocta, do texto de Feuerbach Tese Provisórias para a reforma da filosofia. Carta de Marx a Ruge em 13 de março de 1843. Citado por. Barata-Moura, José. El materialismo de Feuerbach. Un estudio de sus escritos. Anales del Seminario de Historia de la filosofía, 11. Madrid. Editorial Complutense. 1994. p. 96.

humana) é o homem, é sua realização no movimento (histórico). Portanto, em Marx temos uma tríade básica: Prática/história/realidade (humana). Se no primeiro momento, Feuerbach sofre uma hegelianização por parte de Marx, no final Hegel é "materializado". O mundo (humano) já é uma realização do homem, mas de um homem que ainda não apreendeu (de forma prática) sua essência. Nesse nível, a prática é consciência prática.

Nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, Marx nos dá mais explicações. Em torno do fenômeno da alienação, deixa claro sua visão de homem. No trabalho alienado, o homem é um trabalhador, um objeto do trabalho e um ser físico preocupado com sua subsistência. Na perspectiva do capital, ele é um "capital vivo", uma mercadoria no mecanismo de reprodução do capital. Mas independente dessa diminuição do homem no sistema capitalista, Marx não perde de vista o universo humano. O homem como entidade-espécie participa da humanidade; seu trabalho é "atividade vital, vida produtiva", algo que satisfaz suas necessidades e base de sua existência. A vida produtiva, prossegue Marx, é vida da espécie, vida criando vida. Assim, essa "atividade vital consciente" promove a consciência humana, sua objetivação. Em outras palavras, constrói um "mundo objetivo" para o homem: daí sua afirmação de que a natureza é o corpo inorgânico do homem. É através dessa prática, dessa atividade, que o homem pode viver uma "vida humana", nesse caráter positivo do homem ele se reconhece no mundo e sente a satisfação de sua atividade como enriquecimento de seu "ser". O trabalho espontâneo, positivo, promove a mediação da dimensão individual com a "espécie", com

a natureza humanizada, objetivada. Mas nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* Marx vê, também, o oposto dessa tendência. Há trabalho alienado e um distanciamento do homem em relação à sua "vida humana"; o homem (como trabalhador) está alienado dessas conquistas, pois o trabalho alienado é uma prática que desumaniza o homem. Ao invés da mediação (trabalho consciente, espontâneo) que conduz ao desenvolvimento humano, o trabalho alienado promove a abstração, com a conseqüente "reificação" do homem.

Como podemos notar, Marx vai além das reflexões de Feuerbach, levando as últimas conseqüências (o fundamento social) o entendimento da tríade objetivação / abstração / alienação. Daí a importância de estudarmos o materialismo de Feuerbach através de sua concepção de homem. Entre Feuerbach e Marx pode surgir um jogo, uma relação rica em significados. Primeiro, ao mostrar que através de Feuerbach entendemos de forma mais clara as posturas de Marx no período 1844-46; segundo, que através da "ruptura" e posterior crítica empreendida por Marx aos escritos de Feuerbach, apreendemos os limites do materialismo deste último.

Termino com a discutida frase que poderá ser de Marx ou mesmo do próprio Feuerbach: E a vós, teólogos e filósofos especulativos, aconselho-vos: libertai-vos dos conceitos e dos pré-juízos da filosofia especulativa anterior, se quereis chegar a outro caminho às coisas tais como são, isto é, à verdade. Para a verdade e a liberdade, não tendes outro caminho a não ser o que passa pelo arroio de fogo. Feuerbach é o purgatório do presente."⁴

⁴ Und Euch, ihr spekulativen Theologen und Philosophen, rate ich: macht Euch frei von den Begriffen und Vorurteilen der bisherigen spekulativen Philosophie, wenn ihr anders zu den Dingen, wie sie sind, d. h. zur Wahrheit kommen wollt. Und es gibt keinen andern Weg für Euch zur Wahrheit und Freiheit als durch den Feuer – bach. Der Feuerbach ist das Purgatorium der Gegenwart. In Luther als Schiedsrichter zwischen Strauss und Feuerbach. Trad. Espanhola. Lutero como árbitro entre Strau y Feuerbach. In Escritos en torno a La esencia del cristianismo. Trad. Luis Miguel Arroyo Arrayás. Madrid. Tecnos. 2001. pg. 124. Na verdade existe uma polêmica sobre a autoria desta frase, alguns afirmam ser de Marx, o que até um bom tempo perdurou, e outros acreditam ser do próprio Feuerbach, encontram-se tanto nas obras completas de Feuerbach como de Marx. Ver também Schmit, Alfred. Feuerbach o la sensualidad emancipada, p. 17 nota 23. Este texto foi escrito em 1842 e apareceu no n. 2 da revista Anekdotia zur neuesten deutschen Philosophie und Publizistik assinado por um pseudônimo "Kein Berliner" (o não berlinês) os editores da revista eram: Bruno Bauer, Feuerbach, Köppen, Nauwerk e Arnold Ruge e um anônimo que era K. Marx. Ver também a introdução de Luis Miguel em Escritos en torno a La esencia del cristianismo. Pg. xxxii-xxxv.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *A favor de Marx*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ARNDT, Andréas; JAESCHKE, Walter (Hrsg.) *Materialismus und Spiritualismus*. Hamburg, 2000.

BARATA-MOURA, José. *El Materialismo de Feuerbach. Un estudio de sus escritos*. Anales del Seminario de Historia de la Filosofía, 11. Madrid: Editorial Complutense, 1994.

BRAUM, Hans-Jürg; SASS, Hans-Martin; SCHUFFENHAUER, Werner; TOMASONI, Francesco (Hrsg.). *Ludwig Feuerbach und die Philosophie der Zukunft*. Berlin, 1990.

CHEPTULIN, Alexandre. *A dialética materialista*. São Paulo: Alfa e Omega, 1982.

FEUERBACH, Ludwig. *Gesammelte Werke*. Band. 9. Berlin. Akademie-Verlag, 1990.

_____. *Gesammelte Werke*. Band. 10. Berlin: Akademie-Verlag, 1990.

_____. *A essência do cristianismo*. Campinas: Papirus, 1997.

_____. *Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1846)* Tradução de Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.

_____. *Escritos en torno a La esencia del cristianismo*. Tradução de Luis Miguel Arroyo Arrayás. Madrid: Tecnos, 2001.

FLICKINGER, Hans-Georg. *Marx e Hegel. O porão de uma filosofia social*. Porto Alegre: Lpm, 1986.

FREDERICO, Celso. *O jovem Marx (1843-1844)*. São Paulo: Cortez, 1995.

LABICA, Georges. *As "teses sobre Feuerbach" de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1990.

LÊNIN, V. I. *Materialismo e empiriocriticismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

LÜBBE, Hermann; SASS, Hans-Martin (Hrsg.). *Atheismus in der Diskussion. Kontroversen um Ludwig Feuerbach*. München/Mainz, 1975.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas v. 3*. São Paulo: Editora Alfa e Omega, 1977.

_____. *A ideologia Alemã*. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. *A sagrada família*. São Paulo: Boitempo, 2003.

MÉSZÁROS, István. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.

PIETTRE, André. *Marxismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

PODOSETNIK, V; YAKHOT, O. *Pequeno manual do materialismo dialético*. São Paulo: Argumentos, 1967.

REDYSON, Deyve; ALMEIDA, Jorge M; DE PAULA, Marcio G. (Orgs.) *Søren Kierkegaard Brasil. Festschrift em homenagem a Álvaro Valls*. João Pessoa: Idéia, 2007.

SAMPAIO, Benedicto A; FREDERICO, Celso. *Dialética e materialismo. Marx entre Hegel e Feuerbach*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. *A humanidade da razão. Ludwig Feuerbach e o projecto de uma Antropologia Integral*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1999.

SCHMIDT, Alfred. *Feuerbach o la sensualidad emancipada*. Salamanca: Taurus, 1975.

SCHUFFENHAUER, Werner. *Feuerbach und der junge Marx. Zur Entstehungsgeschichte der marxistischen Weltanschauung*. Berlin: Deutsche Verlag der Wissenschaften, 1972.